

# TEORIAS, MÉTODOS, TÉCNICAS E AVANÇOS NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA\*

MÁRCIA ANGELINA ALVES\*\*

## ABSTRACT

This article makes reference to *theoretical* trends, with their methods and techniques, which are present in *Brazilian Archaeology*.

It starts with the *origins* of Prehistoric Archaeology, focusing on the *theoretical-methodological* basis provided by the *French (Ethnographic/Structuralist Archaeology)* and *North-American (Processual Archaeology or New Archaeology)* schools and on their *influence* on the structuring of research in *Brazil's Prehistoric Archeology*.

Finally presents *Postprocessual* Archaeology from a theoretical-methodological viewpoint, with its main offshoots: the *Structuralist*; the *Marxist* (represented by *Latin American Social Archaeology*) and the *Marxist-Structuralist* or Neo-Marxist; and the *Interpretative* Archaeology (or Hermeneutic) and its influence on Brazilian prehistoric research and the *developments* and *theoretical perspectives* in Prehistoric Archaeology in Brazil.

**Palavras-chave:** Ethnographic/Structuralist Archaeology. Social Totality. Mental patterns. Processual Archaeology. Systems Theory. Functionalism. Neo-evolutionism. Cultural Ecology. Unilinear Diffusionism. Multilinear Diffusionism. Latin American Social Archaeology. Marxist-Structuralist Archaeology. Interpretative Archaeology (or Hermeneutic).

---

\* Título original “Teoria, Métodos e Técnicas em Arqueologia (avanços na Arqueologia Brasileira)” desenvolvido em *prova escrita* no âmbito de um concurso de provas e títulos, ocorrido nos dias 10-11 e 12 de maio de 2000, ao cargo de *Professor Doutor Efetivo*, da Divisão Científica, Área de Arqueologia Brasileira, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, aqui publicado com ampliações e alterações.

\*\* Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

## I. ORIGENS DA ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA:

A arqueologia pré-histórica surgiu no século XIX, como um campo de conhecimento *descritivo* e *pontual*, ligado à tradição *naturalista* (CASTRO FARIA, 1989).

Iniciou-se com *Boucher de Perthes*, descrevendo vestígios líticos finamente lascados e retocados (bifaces, etc.) associados a fauna extinta<sup>1</sup> em vários trabalhos. O mais divulgado foi o “**Do Homem Antidiluviano e suas obras**” de 1860, onde ele descrevia o estrato arqueológico por ele encontrado e analisado (POIRIER, 1981).

Das origens da Arqueologia pré-histórica, no século XIX, até o período Entre-Guerras (século XX), a arqueologia ficou no âmbito da descrição dos testemunhos<sup>2</sup>Xlocal(is) do(s) assentamento(s)<sup>3</sup>.

A técnica de pesquisa de campo era a de execução de *sondagens* – pequenas, médias e, ocasionalmente grandes, para se detectar a estratigrafia e recolher os vestígios de acordo com a sucessão das camadas arqueológicas – correspondentes às ocupações de populações pré-históricas.

Após este procedimento de “*trabalho*” de campo os *documentos materiais* coletados eram analisados em laboratório aos níveis de técnica(s) de lascamento(s), retoque(s), classificação tipológica e de identificação de matéria(s)-prima(s), associados na maioria das vezes, ao *meio-ambiente* (inserção do(s) sítio(s) nos estrato sedimentológico, nas formações geológica e geomorfológica, no paleoclima, no paleobotânica, à hidrografia, etc.) e aos restos faunísticos – quando de suas ocorrências.

Os vestígios arqueológicos eram representados por *lítico*, ou seja, indústrias líticas diversificadas e a *restos de fauna extinta*.

---

1. Contou com o apoio de *Charles Lyell* (considerado o pai da Geologia), membro da Comissão Britânica de peritos, a qual analisou as descobertas de Boucher de Perthes, em 1859. Lyell publicou “**L’ancienneté de l’homme prouvée par la géologie**” (Paris, 1864) – que confirmou a autenticidade da documentação analisada por Boucher de Perthes.

2. Sinônimo de *vestígio* e/ou *documento material* arqueológico (LEROI-GOURHAN, 1972).

3. Sinônimo de sítio arqueológico.

Os estudiosos/precusores da Arqueologia pré-histórica vinham, em geral, de áreas das *ciências naturais*: Biologia, Geologia, Zoologia, etc., o que resultou na ampliação de campos específicos de pesquisa como a Paleo-Botânica, a Paleo-Zoologia, etc.) (CASTRO FARIA, op. cit.).

## II. ESCOLA FRANCESA:

No período *Entre-Guerras* a pesquisa de campo em pré-história ganhou uma nova dimensão na *França*, com as inovações propostas por um jovem pesquisador do *Collège de France – Leroi-Gourhan*. Ele adotou e alterou a metodologia de campo “**The open Area**”, de um arqueólogo inglês – *Wheeler* (misto de nobre e militar) (WHEELER, 1954).

Leroi-Gourhan começou a escavar em áreas semi-fechadas (grutas) e abertas (sítios a céu aberto) e em amplas superfícies<sup>4</sup> a partir de método *topográfico* (ao nível tridimensional) com o desenvolvimento de ataques *verticais* – na execução de *Perfis* (para a detecção da estratigrafia do sítio), na execução de *Trincheiras* (para detectar os mais diversos tipos de vestígios como fogueiras, sepultamentos, etc.) e de ataques *horizontais* em áreas férteis do ponto de vista de concentração de cultura material dectadas verticalmente, com a realização de “*decapagens por níveis naturais*” (LEROI-GOURHAN, 1950).

Um dos principais objetivos do método topográfico acima descrito é o de gerar informações pela evidenciação (e, posterior, interpretação) dos *solos arqueológicos* decapados para se obter uma *etnografia* de sociedades extintas, *sem* escrita, formadas por populações (nômades e sedentárias) que ocuparam *espaços físicos* escolhidos como *habitações* temporárias, semi-permanentes, permanentes, etc. (LEROI-GOURHAN, 1972; 1983; 1984).

O método *topográfico/etnográfico* de Leroi-Gourhan tem como fulcro de pesquisa de campo a evidenciação da *espacialidade* dos documentos materiais deixados *in loco* pelas decapagens em uma perspectiva *temporal*, respeitando-se o estrato onde se situam os vestígios evi-

---

4. Escavou grutas paleolíticas de *Arcy-sur-Cure* (Norte da Borgonha) e no grande sítio a céu aberto *Pincevent* (Ile-De-France), ainda um processo de pesquisa de campo.

denciados porque *contexto* arqueológico é “*espaço, tempo, cultura e sociedade*” e as escavações representam “*revelações*” (a serem decodificadas) sobre o passado de populações sem texto (LEROI-GOURHAN, 1983), onde o *empírico* determina as questões, levanta as hipóteses e formula as respostas possíveis! (LEROI-GOURHAN e BRÉZILLON, 1972; AUDOUZE e LEROI-GOURHAN, 1981).

Assim, o método *topográfico/Etnográfico* de Leroi-Gourhan, de “*Superfícies Amplas*” em “*Decapagens por Níveis Naturais*” objetiva estabelecer a diversidade (ou não) de “*estruturas*”<sup>5</sup> arqueológicas na dimensão do tempo, espaço, cultura, sociedade.

Este procedimento metodológico possibilitou as evidenciações de *contextos* de atividades *sociais* diversas no(s) *assentamento(s)* dos períodos *Paleolítico, Mesolítico e Neolítico* os quais representaram um *novo* olhar direcionado à pré-história, tendo como fulcro de pesquisa de campo o *assentamento, o espaço* (do assentamento e de seu entorno) a *cultura material* contextualizada (na evidenciação e análise de todos os vestígios, inseridos no *tempo e não* o destaque de “peças bonitas”) e a *temporalidade* em termos absolutos, efetuada por datações de Carbono 14 e por Termoluminescência.

Detectar “**todo**” (ou quase todo) o espaço do sítio arqueológico era e é *fundamental* para se conhecer o “*cotidiano*” das populações pré-históricas, através de provas materiais contextualizadas pelas pesquisas de campo e por inferências com grupos de populações primitivas, do Presente, através do método indutivo.

Este tipo de arqueologia pré-histórica foi classificada de *arqueologia “Etnográfica”*. Em termos de pesquisa de campo aliada à Etnologia, a *Arqueologia Etnográfica* inspirou-se no conceito de “*fato social total*” de Mauss<sup>6</sup> - Leroi-Gourhan foi discípulo de Mauss (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979).

---

5. Sinônimo de contexto arqueológico em que a disposição *espacial* de documentos materiais diversificados que, associados, formam contextos precisos (com controle cronológico – determinado pelo estrato onde eles estão inseridos) sobre o cotidiano de populações pré-históricas (LEROI-GOURHAN, 1972).

6. Marcel Mauss sociólogo/antropólogo francês, discípulo e sobrinho de Durkheim, em “**Essai sur le don, forme archaïque de l'échange**” – formas de troca – e a obrigação de retribuí-las [Polinésia] analisou o fato econômico, aliado à Dádiva, como elemento de troca / mensagem *social*, advindo deste estudo o conceito de “**fato social total**” (POIRIER, 1981; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979; MAUSS, 1950).

A arqueologia etnográfica para interpretar os – vestígios contextualizados (pela evidência dos solos arqueológicos) e os documentos visuais (registros rupestres) inspirou-se no *Estruturalismo*<sup>7</sup> (LEROI-GOURHAN, 1965; 1976).

### III. ESCOLA NORTE-AMERICANA:

Em meados do século XX alguns jovens arqueológicos norte-americanos tendo à frente *Binford*, lançaram os postulados da Arqueologia *Processualista* (ou **Processual-Funcionalista** (RENFREW e BAHN, 1993) mais conhecida como “NOVA Arqueologia), centrada no *Neo-Evolucionalismo*, na *Ecologia Cultural* e no *Funcionalismo* (KAPHAN e MANNERS, 1975).

A arqueologia foi concebida *como* antropologia<sup>8</sup> no olhar de Binford e de seus seguidores (BINFORD, 1962; 1965).

Esta vertente da Antropologia estadunidense cobrava a *não* existência de *leis* gerais de análise de culturas<sup>9</sup> extintas (sem escrita), na Arqueologia vigente. A nova arqueologia propôs uma nova visão da Arqueologia como *Processo* cultural em que as mudanças ocorrem em decorrência de alterações tecnológicas, ambientais, etc. e que era fun-

7. Trigger (1992) classifica a arqueologia desenvolvida por Leroi-Gourhan de “*Pós-Processualista*”.

8. A arqueologia foi concebida *como* “*sistema, metodológico*” da Antropologia utilizado para abordar hipóteses e/ou resolver problemas do universo antropológico (SANDERS e MARINO, 1971). A pesquisa arqueológica foi desenvolvida de maneira *extensiva* em grandes “*áreas geográficas*” para resolver questões/abordar hipóteses de mudança cultural (op. cit.).

Nesta perspectiva as escavações *intensivas* em sítios foram abandonadas (e desprezadas) privilegiando-se as “*coletas de Superfícies*” (“*Surveys*”), associadas a análises laboratoriais ao nível de “*Seriação*” fordiana (FORD, 1962), cujas amostragens aliadas a métodos estatísticos, complexos e sofisticados resolviam as questões e hipóteses levantadas.

De quando em vez algumas *sondagens* eram executadas mas o eixo das pesquisas de campo, foram e serão os “**surveys**”. Também não existe a preocupação com o processamento de datações absolutas, por Carbono 14 e Termoluminescência (Relatórios do PRONAPA, nºs 01-02-03-04 e 05).

9. A concepção de “*sociedade*” está subjugada à concepção de cultura.

damental dimensionar a “*Continuidade*” e a “*Mudança Cultural*” verificando as Interrupções, as Rupturas, as Continuidades, etc.; porque as culturas *não* são estáticas.

Aliado ao conceito de arqueologia como processo cultural foi proposta a “*teoria de sistemas*” (ou visão “*sistêmica*”) de *funcionamento* dos sistemas culturais de sociedades primitivas – extintas e atuais (sendo estas denominadas pelos processualistas de “*populações etnográficas*”).

Os sistemas culturais são formados por “partes interativas que podem formular regras que descrevem *como*<sup>10</sup>, funcionam os aspectos significativos de *cada* sistema no estudo dos processos de manutenção e elaboração das estruturas” (TRIGGER, 1992, p.284).

Os sistemas culturais são formados por três subsistemas: “*Tecnológico*”, “*Sociológico*” e “*Ideológico*” (para Leslie White, com o predomínio do primeiro, o que gerou análise de evolução cultural determinista) e “*tecnoeconômico*”, “*ideológico*” e o “*sócio-político*” (para Julian Steward o qual considera o “*tecnoeconômico*” como o de maior destaque) (KAPLAN e MANNERS, 1975).

Esta abordagem utilizou o conceito de *energia* elaborado por Leslie White. Propôs a pesquisa de campo *extensiva*, em áreas geográficas distantes umas das outras, diferenciadas, centradas em “**Surveys**”, com a *valorização* de amostragens de cultura material *descontextualizada*.

---

10. Formulação inspirada, originalmente, na Biologia (BERTALANFFY, 1969), (TRIGGER, 1992) e estruturada no *Funcionalismo* pois, este “em Antropologia leva à analogia orgânica – isto é, leva a pensar nos sistemas sócio-culturais como se eles fossem um tipo de “organismo” cujas partes não são só relacionadas umas às outras, mas, ao mesmo tempo, contribuem para a manutenção, estabilidade e para a própria sobrevivência do “organismo”, “É básica para todas as explicações funcionais a pressuposição, aberta ou implícita, de que todos os sistemas culturais têm certos requisitos funcionais, condições necessárias de existência, ou necessidades (formuladas como necessidades sociais a Radcliffe-Brown ou, em última instância, em termos biológicos, individuais, à Malinowski) – todos os quais devem ser encontrados de algum modo para que o sistema tenha continuidade. Se essas necessidades funcionais sistêmicas não são encontradas, o sistema irá desintegrar-se e “morrer”; ou irá mudar para algum outro tipo de sistema”. Nesse sentido as instituições, as atividades culturais e os outros complexos culturais não são entendidos ou explicados meramente pela especificação das suas relações com algum sistema mais amplo no qual estão envolvidos, mas também pela demonstração de que essas relações contribuem para a manutenção do sistema maior ou de alguma parte deste” (KAPLAN e MANNERS, 1975, p.91-92).

Utilizou, amplamente, de *modelos estatísticos* como expressão de rigor científico no estudo de mudança cultural via amostragens de cultura material desconetxtualizada e, na maioria das vezes, sem o processamento de datações por C14 e TL. Representa uma abordagem culturalista e ahistórica.

Duas são as questões levantadas pela *Nova* arqueologia:

- “como funcionam os sistemas culturais”?

- “como eles vieram a ser o que são”?

(KAPLAN e MANNERS, 1975, p.60).

Estas questões aliadas à teoria de sistemas, ou seja, a abordagem sistêmica das culturas, associadas ao neo-evolucionismo e à ecologia cultural geraram a Arqueologia *Processualista* (ou *NOVA* Arqueologia), a qual teve grande repercussão no continente americano e na Inglaterra.

*Binford* tornou-se um *mito* e os seus postulados *teórico-metodológicos* uma *ortodoxia!*

O Smithsonian Institution foi a instituição responsável pela divulgação das categorias teórico-metodológicas da Nova Arqueologia na América Latina, no Pós-Guerra.

Para a efetivação deste empreendimento elaborou *programas*<sup>11</sup> de “cooperação” científica com vários países da América Latina (México, Venezuela, Colômbia, Brasil, etc) para estudar as mudanças culturais ocorridas na América *antes* da Conquista Espanhola e Colonizações Espanhola e Portuguesa centrados na classificação de “*áreas arqueológicas*” (de Steward – o grande teórico da Ecologia Cultural) “**NUCLEARES**”, “**INTERMEDIÁRIA**” e “**MARGINAIS**” onde as sociedades indígenas dividiam-se em *quatro* tipos de *organização social*: “**BANDOS**”, “**TRIBOS**”, “**CACICADOS**” e “**ESTADOS TEOCRÁTICOS**” (STEWART, 1948), (SANDERS e MARINO, 1971).

A arqueologia *Processualista* representou uma *ruptura* com o Paradigma *Histórico-Culturalista* de BOAS, no qual ele afirmava, atra-

---

11. A maioria destes programas foi coordenada pelo casal Clifford Evans e Betty Meggers (anos sessenta do século XX).

vés de suas pesquisas de campo (efetuadas na América – nos Estados Unidos e na Groenlândia) a “*particularidade*” de cada cultura, ou seja, “as culturas são constituídas de traços e complexos de traços” que são o produto de “**condições ambientais, fatores psicológicos e conexões históricas**” (KAPLAN e MANNERS, 1975, p.112).

Frans Boas “percebeu que os elementos de qualquer cultura eram produtos de processos históricos complexos, envolvendo, em larga medida, a difusão e o empréstimo de traços e complexos de traços de culturas vizinhas”<sup>12</sup> (op. cit., p.112).

Um dos principais objetivos da Arqueologia Processualista é o estabelecimento de “*regularidades*”, associado ao levantamento de “*similaridades*”, entre as culturas, em grandes (e diferentes) *áreas geográficas*, através da realização dos referidos “*surveys*” e da *analogia etnográfica* – esta quando se trata de estabelecer a interpretação arqueológica em populações primitivas atuais e/ou “*etnográficas*” – através da *ETNOARQUEOLOGIA*<sup>13</sup>.

O Neo-Evolucionismo e a Ecologia Cultural têm vários teóricos nas dentre eles, destacam-se dois: *Leslie White* e *Julian Steward*.

Leslie White<sup>14</sup> concebe a evolução cultural na perspectiva do *Difusionismo UNILINEAR* e do determinismo tecnológico.

Analisa a cultura como originária dos “processos de evolução biológica” e que, desde o seu aparecimento ela tem “*vida*” e “*momentum*” próprios e só é explicável por si mesma (KAPLAN e MANNERS, 1975, p.75).

A concepção de cultura de Leslie White está ligada à distinção entre “comportamento de *Signos*<sup>15</sup> (exercido pelos animais e pelo homem) e comportamento de *Símbolos*<sup>16</sup> (exercido somente pelo homem).

---

12. O método historiasta de Boas baseia-se no “*estudo cuidadoso e muito detalhado de fenômenos locais*” em “*uma área bem definida e geograficamente pequena*”, com as *comparações* limitadas à “*área cultural que forma a base do estudo*” (KAPLAN e MANNERS, 1975, p.113).

13. A *Etnoarqueologia* e a formação do *registro arqueológico* são consideradas as duas propostas de vanguarda da Arqueologia Processualista.

14. Considera-se “um intelectual herdeiro de Morgan” (TRIGGER, 1992).

15. Corresponde a eventos e/ou coisas ligadas à sua forma física, ou seja, chuva como indicador de trovoadas.

16. A linguagem humana é o exemplo mais universal de símbolo (para Leslie White).

Sua concepção de cultura também está vinculada à relação da cultura com o meio-ambiente, ou seja, a cultura é concebida como um “artifício adaptativo pelo qual o homem acomoda-se à natureza e a natureza ao homem” sendo que este, “na cultura” aproveita a energia livre e a coloca a trabalhar para a humanidade” (op. cit., p.75).

Neste sentido Leslie White criou o conceito de *Energia* humana como mecanismo de mudança evolucionista através do desenvolvimento tecnológico, ou seja: “a cultura avança à medida que aumenta o montante de energia *per capita* aproveitada anualmente ou que, aumenta a eficiência com que a energia é utilizada” (op. cit., p.75) – pela seguinte fórmula: **EXT P C**<sup>17</sup>.

Finalmente, concebe a cultura como um sistema formado por três subsistemas: *tecnológico* (o mais importante e determinante), *sociológico* (organização social e política) e o *ideológico*.

Julien Steward<sup>18</sup> concebe a evolução cultural na dimensão do *Difusionismo MULTILINEAR*, ecológico e mais empirista que Leslie White (TRIGGER, 1992).

Coloca que os *sistemas culturais* possuem “*instituições cruciais*”, por ele denominadas de “*instituições centrais*”, correspondentes as que estão próximas “a forma pela qual a cultura adpta-se e explora o seu meio ambiente” e “*instituições periféricas*” – as que margeiam as centrais (KAPLAN e MANNERS, 1975, p.78).

Steward coloca, também, que as instituições centrais dos sistemas culturais são formadas por três subsistemas: os “*ideológicos*”, os “*sócio-políticos*” e os “*tecnoeconômicos*”, considerando este último o de “maior destaque na formação dos traços estratégicos de qualquer sociedade”, preocupando-se com as *regularidades* significativas e as *similaridades* entre as culturas (op. cit., p.78); emergindo das similaridades o conceito de “*núcleo cultural*”<sup>19</sup> (TRIGGER, 1992).

---

17. E = Energia; T = Tecnologia, C = Cultura.

18. Vinculado ao Smithsonian Institution, Washington, D.C., Estados Unidos.

19. Segundo Trigger (1992) correspondentes as “similaridades entre as culturas que estavam relacionadas com atividades de subsistências. O “núcleo cultural” abrange modelos econômicos, políticos e religiosos que podem estar empiricamente determinados para ter um significado adaptativo primordial” (op. cit., p.273).

Concebe a “abordagem *multilinear*”<sup>20</sup> como uma metodologia para lidar com as *diferenças* e as *similaridades* culturais através da comparação de *seqüências paralelas de desenvolvimento, em áreas geográficas muito separadas*”, (KAPLAN e MANNERS, 1975, p.77).

Sustenta que a mudança pode ocorrer em qualquer parte dos subsistemas (tanto central quanto periférico) e que gera uma “alteração de tipo cultural” e que “as culturas têm traços centrais similares correspondentes a um tipo geral” as quais geram “*tipologias culturais*” (op. cit., p.79).

#### IV. ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL: ESTRUTURAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA:

As duas vertentes teórico-metodológicas – a *etnográfica/estruturalista* francesa e a *processualista* norte-americana, *estruturaram a pesquisa arqueológica pré-histórica no Brasil*, em fins dos anos 50 e na década de 60 (século XX), pois, os seus *paradigmas, conceitos e métodos* (de campo e laboratório) foram adotados como *modelos* que determinaram os objetos, objetivos e *métodos* para a pesquisa empírica de campo e para a interpretação da cultura material.

Assim, a pesquisa em Arqueologia Pré-Histórica no Brasil iniciou a sua prática empírica e produção de conhecimento científico com “*satélite*” de países de Primeiro Mundo, com tradição de pesquisa, da França, em um primeiro momento e, em seguida, dos Estados Unidos da América.

##### ▪ **Influência da escola francesa:**

A influência da arqueologia etnográfica/estruturalista de Leroi-Gourhan baseada no método *Etnográfico* de “*Superfície Amplas*” e na “*técnica de decapagens por níveis naturais*” e no *registro topográfico* – via tridimensionalidade, iniciou-se em meados dos anos 50 com a vinda

---

20. A arqueologia Processualista tem como objeto de pesquisa os estudos comparativos, aos níveis de regularidades e similaridades, analisados pelo método Ford (1962) de *Seriação*, utilizando as categorias classificatórias de “*Tradição*”, “*Subtradição*” e “*Fase*”. Não se preocupa em estudar o que não é recorrente – este é apenas mencionado (jamais é objeto de estudo).

de Joseph Empeaire (geógrafo/arqueólogo francês)<sup>21</sup> para escavar o sambaqui de Maratuá (litoral de São Paulo, a convite de Paulo Duarte)<sup>22</sup>.

Em seguida Joseph Empeaire e sua esposa Annette Laming-Empeaire<sup>23</sup> – também arqueóloga, foram convidados para escavar um sítio no Paraná: “José Viera” (EMPERAIRE e LAMING, 1959).

No início dos anos 60 Luciana Pallestrini e Niède Guidon foram para a França para se doutorarem em Pré-História Brasileira, como discípulas de Annette Laming-Empeaire e de André Leroi-Gourhan. As teses de Doutorado de ambas sobre a Pré-História brasileira foram elaboradas e defendidas nos anos setenta, na França. (PALLESTRINI, 1970; GUIDON, 1975).

No Brasil, Pallestrini e Guidon fizeram (e fazem escola). A primeira fez a sua Livre Docência em 1974 (PALLESTRINI, 1975) e, a segunda, o seu Doutorado de Estado na França em 1984 (GUIDON, 1984).

Pallestrini, na Universidade de São Paulo, à frente do Museu Paulista (Setor de Arqueologia), formou várias gerações de arqueólogos com orientação de inúmeras Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado junto à FFLCH/USP (no ex-Departamento de Ciências Sociais há mais de dez anos (1988) dividido em três departamentos: Antropologia/Ciência Política e Sociologia) e, a partir de 1989, na área interdepartamental de Arqueologia, no Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia x Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Pallestrini criou, em 1968, um amplo e sólido projeto de pesquisa de campo no vale do rio Paranapanema, na margem paulista denominado “*Projeto Paranapanema*” com escavações em sítios concentrados no Município de Piraju.

No Paranapanema Pallestrini escavou sítios *abertos* “*lito-cerâmicos*” (PALLESTRINI, 1970; 1975) correspondentes a ocupações de populações agricultoras pré-coloniais) e *complexas*, ou seja sítios *líticos*, com ocupações descontínuas e superpostas de populações caçadoras-coleto- ras, com um estrato superior lito-cerâmico; cujos estudos propiciaram os

---

21. École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França.

22. Jornalista e intelectual brasileiro responsável pela fundação do Instituto de Pré-História junto à USP.

23. Vinculada à École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França.

Doutorados e as Livre-Docências de Pallestrini (1970; 1975) e Morais (1983 e 1999), além de vários Doutorados (VILHENA-VIALOU, 1980 e GOULARD, 1982) e Mestrados.

Pallestrini formou inúmeros quadros de Pesquisadores/Docentes aos níveis de Mestrado e Doutorado; cujos discípulos e colaboradores estenderam o *Método Etnográfico de Superfícies Amplas* a vários Estados do Brasil, como o Rio de Janeiro (KNEIP, 1977; 1987; 1994; 1997; 2001), (KNEIP, PALLESTRINI e SOUZA CUNHA, 1981), Goiás (ANDREATA, 1982), Mato Grosso (VIALOU, 1983/84) e Minas Gerais (ALVES, 1988), além da consolidação das pesquisas no Paranapanema Paulista.

A produção científica de Pallestrini no âmbito do Projeto Paranapanema resultou nos seguintes dados:

- √ estabelecimento, via escavações sistemáticas, de padrões de assentamentos em sítios depositados em relevos de vertentes e em terraços fluviais;
- √ escavações de sítios (abertos) com um único estrato por ela configurados de “*lito-cerâmicos colinares*” (PALLESTRINI, 1975);
- √ escavações de sítios (abertos) com estratigrafia complexa: formados por estratos *líticos inferiores*, descontínuos e superpostos com *estrato superior lito-cerâmico*; tendo como eixo a espacialidade e a temporalidade;
- √ estudo da diversidade cultural (e temporal) dos sítios complexos;
- √ evidenciação, via escavações e estudos do cotidiano, de populações pré-históricas, de grupos de caçadores-coletores pré-históricos aos agricultores pré-coloniais com destaque de seus *modos de vida*;
- √ processamento de datações absolutas por *Carbono 14*, na França (Gif-Sur-Yvette) e por *Termoluminescência* no Brasil, no Instituto de Física da Universidade de São Paulo;
- √ relações dos assentamentos com os *ecossistemas* circundantes e captação de recursos naturais;
- √ estabelecimento de um quadro *crono-cultural* de populações pré-históricas (de caçadores-coletores aos agricultores-ceramistas) na margem paulista do vale do Paranapanema;
- √ Avanço de pesquisa arqueológica no interior do Brasil (no Estado de São Paulo), até então restrita às pesquisas arqueológicas, coordenadas por Laming-Emperaire na região arqueológica de Lagoa Santa (LAMING-EMPERAIRE, 1975).

O método “*etnográfico de Superfícies Amplas*” foi e é desenvolvido em Minas Gerais, inicialmente na *região arqueológica de Lagoa Santa* por Annette Laming-Emperaire e equipe (1975) e prosseguido na região norte do Estado, por *André Prous* (discípulo/colaborador de Laming-Emperaire), vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais.

Além de Pallestrini, *Caio Del Rio Garcia* (de Saudosa memória) e *Dorath Pinto Uchôa*, pesquisadores/Docentes do Instituto de Pré-História (extinto em 1989) da Universidade de São Paulo, desenvolveram o método “*Etnográfico de Superfícies Amplas*” em sambaquis do litoral do Estado de São Paulo, em fins dos anos sessenta, cujas pesquisas resultaram em uma ampla produção de conhecimentos – relacionados principalmente aos padrões de assentamentos, padrões de subsistência e padrões funerários, - inserção dos sítios aos ecossistemas circundantes ao nível de populações pré-históricas de pescadores-coletores e em teses de Doutorado (GARCIA, 1972 e UCHÔA, 1973).

O método “*etnográfico de Superfícies Amplas*” é desenvolvido por Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde os anos sessenta no Estado do Rio de Janeiro, em aldeamentos e acampamentos Tupi-Guarani e em Sambaquis (BELTRÃO, 1972; 1978; 1995; 2000), (BELTRÃO e KNEIP, 1968). Pesquisou no Estado de São Paulo (nos anos sessenta e oitenta), o sítio Alice Böer (BELTRÃO, 1974) e, desde a década de oitenta, emprega este método no Estado da Bahia, na *região arqueológica de central*, no âmbito do *Projeto Central* (BELTRÃO, 2000), (BELTRÃO e LOCKS, 1993).

Niède Guidon faz escola no Nordeste, na região arqueológica de São Raimundo Nonato, *Parque Nacional da Serra da Capivara*, em um projeto *franco-italo-brasileiro*<sup>24</sup> cujas escavações/interpretações em abrigos com registros rupestres, e em sítios lito-cerâmicos e grutas calcárias sem pinturas mas com evidências pré-históricas (cultura material e restos de fauna extinta), possibilitaram à elaboração de teses de Doutorado de Estado na França (GUIDON, 1984; PESSIS, 1987; PARENTI, 1992), além de Doutorados no Brasil (MARANCA, 1979; ALVES DE OLIVEIRA, 2000).

---

24. As verbas para as escavações, análises laboratoriais e exposições museológicas vêm da *França* (em maior escala) e do *Brasil* (em menor escala), a *Itália* envia verbas para os programas sociais direcionados às populações sertanejas da Serra da Capivara onde elas têm escolas rurais, oficinas que produzem cerâmica e tecelagem e apiários para a produção de mel – produtos que são vendidos aos turistas.

Suas pesquisas de campo estão concentradas no Sudeste do Piauí (Parque Nacional da Serra da Capivara, desde 1970) cujos resultados estão revolucionando a teoria clássica do Povoamento da América (FUMDHAMENTOS, 1996).

Ao nível de academia brasileira Niède Guidon é professora *visitante* da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Em Pernambuco conta com a colaboração e com a equipe de Gabriela Martin<sup>25</sup>.

Gabriela Martin é responsável pela formação de inúmeros quadros de Pesquisadores-Docentes, aos níveis de Mestrado e Doutorado e por projetos de vanguarda em Arqueologia Pré-História do Nordeste, em especial em Pernambuco e na *região arqueológica da Serra do Seridó* (Rio Grande do Norte e Paraíba) (MARTIN, 1996a; 1996b).

Guidon orienta teses na França (e no Brasil – como professora visitante da UFPE) e foi docente da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*<sup>26</sup>, desde 1977 até a sua recente aposentadoria (1998).

Pallestrini, Guidon e Martin intensificaram e intensificam as suas pesquisas de campo em áreas arqueológicas<sup>27</sup> concentradas em

---

25. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História e Editora da Revista **Clio, Série Arqueológica**.

26. Fabio Parenti foi seu orientando (PARENTI, 1992).

27. “Áreas arqueológicas” referem-se “as divisões geográficas que compartilham das mesmas condições ecológicas e nas quais está delimitado um número expressivo de sítios pré-históricos. Estes correspondem a assentamentos humanos onde se tenham observado condições de ocupação suficientes para se poder estudar os grupos étnicos que os povoaram” (MARTIN, 1996b, p.71).

“Para o estabelecimento de uma área arqueológica que deverá ser pesquisada durante anos, parte-se, teoricamente, do estudo geomorfológico prévio de uma determinada microregião que seja adequada para se iniciar a pesquisa arqueológica” (MARTIN, 1996b, p.71).

“As microregiões que participam de características geomorfológicas e climáticas semelhantes, poderão se transformar em áreas arqueológicas quando forem assinaladas ocupações pré-históricas que apresentem características culturais e cronologias absolutas, relativas ou estimadas, que evidenciem a permanência de grupos étnicos pré-históricos durante longos períodos de tempo. O princípio teórico que norteia a denominação de área arqueológica é mais conceitual que geográfico” pois “às áreas arqueológicas não podem ter limites rígidos. Deverão ser dinâmicas e com fronteiras flexíveis, na medida em que a área de ocupação de grupos caçadores pode ser bem diferente da ocupada por agricultores ou mesmo por lavas de caçadores que se estabeleceram na mesma região” (MARTIN, 1996b, p.71-72).

“enclaves”<sup>28</sup> arqueológicos (MARTIN, 1996b) com escavações (e interpretações de registros rupestres – Nordeste) em alguns sítios para a obtenção de resultados cumulativos que fornecem possibilidades de comparações em termos de padrões de assentamentos, estruturas arqueológicas (contextos), cronologias, e dinâmica social em termos de cultura material x assentamentos.

O fulcro das pesquisas – centradas nas indicações do *Empírico* (ao nível dos assentamentos e dos “textos” visuais, ou seja, os registros rupestres) para se evidenciar as estruturas centradas na espacialidade/temporalidade fornecendo dados arqueológicos que comprovam as hipóteses, as configurações, e os problemas estabelecidos pelo campo.

As pesquisas coordenadas por Martin e Guidon no Nordeste do Brasil divulgaram o método “*Etnográfico de Superfícies Amplas*” e formaram e formam **quadro de pesquisadores/docentes** que coordenam grandes projetos junto a várias Universidades Federais do Nordeste e Norte do Brasil.

O método “*etnográfico de Superfícies Amplas*” é desenvolvido por Carlos Etchevarne, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, desde os anos oitenta no Estado da Bahia (ETCHEVARNE, 1992; 1993; 1995).

### ▪ **Influência da escola norte-americana:**

A vertente *processualista* começou a ser aplicada no Brasil, em estudos de cultura material cerâmica, em fins dos anos quarenta, em 1948/49, quando Clifford Evans e Betty Meggers<sup>29</sup>, casaram-se e viajaram

---

28. Martin concebe o “enclave arqueológico um espaço menor do desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica sistemática na qual ainda não foram fixados os limites culturais”. “Estes limites são marcados quando as evidências culturais do grupo, ou dos grupos étnicos ocupantes da área, demonstram que houve dispersão com o conseqüente abandono dos santuários ecológicos, seja por pressão demográfica ou pela ação de outros grupos humanos mais fortes, ou pelo esgotamento dos recursos onde durante gerações, desenvolveram suas atividades com a decorrente mudança de “habitat”, comportamento, rituais, etc”. “Os enclaves arqueológicos podem também ser consideradas como indicadores prévios de uma área arqueológica, onde a frequência de sítios arqueológicos com horizonte cultural semelhante, indica que com a continuidade das pesquisas, será possível a delimitação da área” (MARTIN, 1996b, p.72).

29. Foi aluna de Steward.

para a *Ilha de Marajó* no Baixo Amazonas, onde Meggers estudou coleção(ões) de cerâmica marajoara, com aplicação de método de Seriação de James Ford (1962), cuja publicação saiu em 1954 (MEGGERS, 1954).

Em meados dos anos sessenta, em outubro de 1964, a Universidade Federal do Paraná, na pessoa do Prof. José Loureiro Fernandes<sup>30</sup> (então Diretor do Centro de Ensino e Pesquisas em Arqueologia) convidou, formalmente, Clifford Evans e Betty Meggers (ambos do Smithsonian Institution) para coordenarem um seminário<sup>31</sup> (ocorrido em Curitiba e Paranaguá), denominado de “*Seminário de Ensino de Pesquisas em sítios cerâmicos*”<sup>32</sup>, tendo como eixo o estudo de cultura material cerâmica, descontextualizada, com a aplicação do método Ford (“*Seriação*”) inspirado em seminário semelhante realizado em 1961, em Barranquilla, na Colômbia, também, coordenado por Evans e Meggers.

Professores universitários de várias regiões do Brasil participaram deste Seminário que teve como principal objetivo *preparar* os docentes de várias Universidades Federais para desenvolverem pesquisas de campo em Arqueologia Pré-Colonial (centrada na realização de “*Surveys*” x mapeamento de ocorrência de sítios cerâmicos associados e a coletas de cerâmica) e estudos de laboratório (baseados na seriação fordiana).

Neste Seminário foi discutido e elaborado um “quadro” conceitual/classificatório inspirado no neo-evolucionismo e na ecologia cultural, para se configurar os sítios a serem detectados, mapeados e registrados junto ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, junto aos vales de grandes rios nos quais os participantes (com sugestões e apoio do casal de organizadores) decidiram pesquisar – centrados na região Sul, parte do Sudeste, no Recôncavo Bahiano e na região amazônica

---

30. Em 1960, convidou Annette Laming-Emperaire para coordenar um seminário sobre cultura material lítica, o qual resultou na publicação do Manual de Arqueologia nº 2, “**Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul**” Curitiba : Centro de Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, 1967.

31. Realizado com verbas do Conselho de Pesquisas, da Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Fulbright Commission.

32. Resultou na publicação “Manual de Arqueologia nº 1”, **editado por Igor Chmyz “Terminologia Arqueológica Brasileira para a cerâmica”** Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, 1966; 1969 e 1976.

tendo como interlocutor o *Museu Paraense Emílio Goeldi*, na pessoa de seu Diretor, Mário Simões (oficial da Aeronáutica).

No final deste seminário foi criado o **PRONAPA** – *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas* que teve por objetivo primordial mapear e estudar a pré-história brasileira, através da realização de prospecções sistemáticas (“Surveys”) em grandes áreas, em uma perspectiva *extensiva* com algumas e poucas sondagens para se estabelecer as “*Tradições*” as “*Subtradições*” e as “*Fases*” das principais (e diversas) regiões ecológicas do Brasil *sem* a evidenciação de contextos arqueológicos e *negando* a necessidade científica de evidenciar as estruturas arqueológicas dos sítios selecionados para serem escavados.

O PRONAPA desenvolvido por arqueólogos brasileiros, sob a coordenação de Evans e Meggers, com financiamento do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e do Smithsonian Institution com a colaboração do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) durou cinco anos de 1965 a 1970.

Teve três seminários: o primeiro em *Mar Del Plata*, Argentina, em fins de 1966 (no XXXVI Congresso Internacional de Americanistas); o segundo em *Belém* do Pará, em meados de 1968 e o último em *Lima*, Peru, em meados de 1970 (no XXXIX Congresso Internacional de Americanistas) e foi encerrado em Washington, em 1972 (CHMYZ, 1976).

Os dados arqueológicos obtidos em cinco anos de pesquisas foram publicados em “*Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi*” em forma de *cinco* (05) *relatórios* (PRONAPA, Relatórios n<sup>os</sup> 1, 2, 3, 4 e 5).

Além da Arqueologia *Processualista* fundamentar-se no conceito de Ecologia Cultural, de que a(s) cultura(s) e a(s) sociedade(s) representa(m) de *adaptação(ões)* a um (ou vários) ecossistema(s), gerando *determinismos ecológicos* a perspectiva em termos de desenvolvimento (e mudança) cultural é *Difusionista* o que implicou, e implica, em uma combinação de *determinismo ecológico* com *difusionismo* inicialmente *UNILINEAR* e, depois, *MULTILINEAR!*

Neste sentido as pesquisas de Betty Meggers na Amazônia brasileira são representativas (MEGGERS, 1954; 1971; 1977).

Ela adotou o projeto difusionista de Steward de que os Andes Centrais eram o centro de difusão de culturas complexas na América do Sul que chegaram até a Amazônia – concebida como área *marginal periférica*, lá se estabeleceram e decaíram; e que as sociedades complexas, só podem existir em *solos* bons, ricos, e os indígenas da Amazônia ocupam

solos *pobres* pois, os ecossistemas do planeta terra dividem-se em solos ricos e pobres.

Meggers colocou que as sociedades indígenas atuais da Amazônia são semelhantes às do período do pré-colonial ignorando as informações históricas dos efeitos da *colonização* portuguesa que gerou *pressão* (deslocamento de populações indígenas da “Várzea”, para a “Terra Firme”), *desagregação social* (destribalização de grupos indígenas), culminando com a *extinção* de várias etnias indígenas.

Em outra posição está *LATHRAP*<sup>33</sup>. Ele concebia a Amazônia pré-histórica, ao nível hipotético, como área arqueológica *complexa*, portadora de culturas complexas (LATHRAP, 1968; 1970; 1971).

Esta hipótese (de Lathrap) foi retomada por Anna Roosevelt que levantou, baseada em informações *etnohistóricas*, a hipótese de existência de “*cacicados*” na Amazônia brasileira, além de ter constatado a existência de “determinismo ecológico” na análise do “desenvolvimento social indígena da Amazônia” nos estudos de Betty Meggers sobre Mudança cultural x Sociedades indígenas amazônicas (ROOSEVELT, 1991; 1992).

No início dos anos oitenta, em 1981, foi criada a **SAB** – *Sociedade de Arqueologia Brasileira*, que reúne arqueólogos de todo o Brasil.

Quando de sua fundação a SAB adotou as *configurações/classificações culturais* estabelecidas pelos arqueólogos ligados ao PRONAPA e seus seguidores (em termos teórico-metodológicos).

Este fato transformou em verdades *absolutas* – em uma *ortodoxia*, os postulados e caracterizações estabelecidos pela *Arqueologia Processualista no Brasil, difusionista, unilinear, multilinear* e com *pouca* escavação e analogia Etnográfica. As exceções são representadas pelas pesquisas de José Proenza Brochado (Universidade Federal e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Ondemar Dias Júnior (Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto de Arqueologia Brasileira) e de seus discípulos e colaboradores e Irmhild Wüst – Universidade Católica e Federal de Goiás (1990).

Assim, as tradições *ceramistas*, as tradições *líticas* e as tradições de representações *rupestres* (PROUS, 1991), (NOELLI, 1999/2000),

---

33. Arqueólogo norte-americano que pesquisou na Amazônia peruana e que **não** conseguiu pesquisar na Amazônia brasileira.

estabelecidas pelos arqueólogos “pronapianos” tornaram-se o ponto de *partida* (e, na maioria das vezes) de *chegada* dos arqueólogos brasileiros adeptos da *Nova Arqueologia*, cujos resultados de pesquisas em pré-história no Brasil representam uma *repetição de Tradições, Substradições* e a criação de um número sem fim de *fases SEM* a explicitação de seus *parâmetros arqueológicos!*...

Dentre as equipes de pesquisa pré-histórica ao nível processualista no Brasil, destacam-se duas: a de *Brochado* (no Rio Grande do Sul) e a de *Ondemar Dias Junior* (nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais).

*Brochado* é discípulo de Lathrap. Desde o início de sua carreira pesquisa no âmbito da Arqueologia, Antropologia, Analogia Etnográfica, com estudos sólidos e densos sobre rotas migratórias (Tupis) cultura material cerâmica, padrões de subsistência, etc. (BROCHADO, 1984; 1977).

*Ondemar Dias Junior*<sup>34</sup> e equipe desenvolveram e desenvolvem pesquisas de campo abrangentes nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais – iniciadas no desenvolvimento de programas de prospecções sistemáticas que detectaram e mapearam a ocorrência de sítios a céu aberto, grutas e abrigos com a seleção de assentamentos a serem escavados ao nível intensivo (DIAS JÚNIOR, 1976/77; 1991; 1992; 1993a; 1993b).

As escavações desenvolvidas em sítios dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais por Dias Júnior e equipe possibilitaram a elaboração de teses de Doutorado (CARVALHO, 1983; CHEUICHE-MACHADO, 1984; MENEZES, 1997; SEDA, 1998; MALERBA SENE, 1998).

## V. INOVAÇÕES/AVANÇOS NA ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL:

As inovações na produção de conhecimentos da Arqueologia Pré-Histórica no Brasil iniciaram-se nos anos oitenta, decorrentes, na maioria dos casos, da influência dos paradigmas, propostas, conceitos e pos-

---

34. Pesquisa, também, na Amazônia brasileira.

tulados teóricos-metodológicos da Arqueologia *Pós-Processualista*<sup>35</sup> concebida por arqueólogos ingleses – Ian *Hodder* (1986), Michael *Shanks* e Christopher *Tilley* (1987) e pelo arqueólogo norte-americano Mark *Leone* (1984) com a formulação de novos enfoques para superar as limitações da Arqueologia Processualista.

A arqueologia *Pós-Processualista*, até o presente, é formada por três correntes teórico-metodológicas:

**1. Estruturalista:** inspirada nos conceitos estruturalistas de *Lévi-Strauss* (1957; 1962; 1966), no avanço da lingüística realizado pelos estudos de Noam *Chomsky* e no estudo de interpretação de Arte Rupestre do Paleolítico feito por André *Leroi-Gourhan* (1965) no qual ele utilizou os princípios estruturalistas.

Os arqueólogos estruturalistas colocam que “as ações humanas são dirigidas por *crenças e conceitos simbólicos* e que o *objeto de estudo* propriamente dito é a *estrutura do pensamento* (as idéias) existentes na *mente dos agentes humanos* que elaboraram *artefatos* e criaram o *registro arqueológico*”. Afirmam que “existem *padrões* constantes no *pensamento humano* em culturas distintas muitos dos quais podem ser considerados como *pólos opostos*: cozido/cru; esquerda/direita; sujo/limpo; homem/mulher”. Acreditam que “as categorias de pensamento observadas em uma esfera de vida também aparecem em outras esferas”. (RENFREW e BAHN, 1993, p.446).

---

35. As principais *críticas* dos arqueólogos Pós-Processualistas, dirigiram-se à Arqueologia *Processualista* configurada com “*cientificista*”, “*mecanicista*”, e “*positivista*”, a qual “não leva em conta o indivíduo” e a sua “teoria de sistemas” “forma parte da estratégia de dominação por onde as elites do mundo apropriam-se da ciência para controlar os menos privilegiados”. Tem enfoque *descritivo* e é “*pouco interpretativa*. Tem dificuldade de atribuir valores reais às variáveis distintas” (RENFREW e BAHN, 1993, P442).

As primeiras críticas à Arqueologia Processualista foram feitas por *Trigger* “**Time and Tradition**” (1978) criticou as “limitações das leis explicativas dos processos de mudança cultural onde colocou a sua preferência pelo enfoque historiográfico em Arqueologia” (op. cit., p.446).

Outro crítico foi *Flannery* (1967) que desdenhava a “natureza trivial de algumas leis propostas e considerava que deveria se prestar mais atenção aos aspectos ecológicos e simbólicos das sociedades”.

Outro crítico foi *Hodder* (1988 e 1995) que “colocou que os vínculos mais estreitos da arqueologia eram com a história e reclamava que se deveria reconhecer, em maior medida, o papel do indivíduo na História” (op. cit., p.446).

**2. Marxista:** centrada na teoria *materialista* da história elaborada por Karl Mark e Friedrich Engels. É representada pela *Arqueologia Social Latino-Americana*: os principais teóricos são: Luis Felipe Bate (1977 e 1989); Luís Guilherme Lumbreras (1981); Iraida Vargas Arenas (1984 e 1986); Mario Sanoja Obediente (1984) e Oscar M. Fonseca Zamora (1990). Tem como precursor Gordon Childe (1936) – o primeiro arqueólogo a sustentar que a *arqueologia* é uma *ciência social* (1947) que “contribui para entender a história, estudou e aplicou a teoria da evolução social ao trabalho do arqueólogo” (FONSECA ZAMORA, 1990, p.42).

Childe e os arqueólogos da arqueologia social latino-americana concebem à evolução como *fenômeno social*, e tomam como “objeto de conhecimento da arqueologia a *explicação* do processo de mudança social, através do método materialista histórico” (FONSECA ZAMORA, 1990, p.42).

Inspirado no Marxismo surgiu o “*Marxismo Estruturalista*” (ou Neo-Marxismo), configurado no trabalho, de Mark Leone (1984) com ênfase maior ao significado da ideologia na interpretação da mudança cultural (RENFREW e BAHN, 1993), ou seja, não se coloca o universo simbólico (a ideologia que é superestrutura) subordinado à infraestrutura (a base econômica da vida social).

**3. Interpretativista** (ou Hermenêutica): inspirada (e estruturada) na “*teoria crítica*” da “*Escola de Frankfurt*”<sup>36</sup>; os seus principais expoentes são Ian Hodder (1986); Michael Shanks e Christopher Tilley (1987).

Esta vertente coloca que “todo conhecimento é histórico, com comunicação distorcida, e que qualquer aspiração ao conhecimento “objetivo” é ilusória. Pelo seu enfoque “interpretativo-hermenêutico” os seus ideólogos buscam uma perspectiva mais inteligente que supere as limitações dos sistemas de pensamento existentes”, e que “os pesquisadores e até os arque-

---

36. Grupo de cientistas sociais alemães ligados ao **Instituto de Investigação Social** (fundado em Frankfurt em 1923), o qual ganhou destaque nos anos setenta pela reformulação do conceito de “*Teoria Crítica*” precedente da tradição idealista alemã (Hegel) e do marxismo. Tem como principais teóricos **Horkheimer** e **Adorno** (1973), **Marcuse** (1966) e **Habermas**.

Os pensadores desta vertente teórica colocam “que todo o conhecimento está historicamente condicionado, mas, ao mesmo tempo, sugerem que a verdade é mensurável e que a crítica é possível independentemente dos interesses sociais” (HODDER, 1988, p.183-184).

ólogos – afirmam tratar de maneira científica os temas sociais e apóiam tacitamente a “ideologia do controle”, através da qual se exerce o domínio na sociedade moderna” (RENFREW e BAHN, 1993, p.450).

São dois os aspectos da *Teoria Crítica*, que interessam à arqueologia: o estudo da *estética* e o da cultura *contemporânea*, que divulga ao grande público o passado pré-histórico, nos *Museus* e na *Televisão* (HODDER, 1988, p.184).

A Arqueologia *Pós-Processualista* tem como objetivo primordial fazer avançar o método arqueológico em dois níveis:

§na pesquisa de campo ⇒ para se efetuar a mais ampla evidenciação do *EMPÍRICO*;

§na interpretação de *SÍMBOLOS* (inseridos às culturas de seus produtores) como estudo do passado pré-histórico.

Nesta perspectiva, tem como fulcro de pesquisa, a superação de quatro *dicotomias* presentes na arqueologia, que são as seguintes:

- √ indivíduo e norma;
- √ estrutura e processo;
- √ ideal e material;
- √ sujeito e objeto (HODDER, 1988)

Assim, os arqueólogos *pós-processualistas* propõem-se a estudar as seguintes questões:

- √ relações entre as normas, as regras e os indivíduos , levando em consideração a atuação dos indivíduos na sociedade (op. cit., p.168);
- √ relações entre os “processos *históricos* (a difusão, as migrações, a convergência, a divergência), os processos *adaptativos* (aumento demográfico, captação e utilização de recursos, complexidade social, comércio, etc.) e as culturas” criadas no âmago destes processos, pelo *Estruturalismo e Marxismo* (op. cit., p.171-172).
- √ “reconstrução rigorosa dos *significados, subjetivos*” porque “as *idéias, as funções dos símbolos e dos rituais*” representam temas importantes para muitos arqueólogos (op. cit., p.172-173);
- √ “reconstrução da *subjetividade* “de *culturas* pré-históricas” relacionadas “às estratégias de poder contemporâneas” para superar a separação do sujeito e objeto, da teoria e fato” (op. cit., p.175).

A arqueologia *Pós-Processualista* **REVALORIZOU** as escavações pontuais, intensivas, em sítios selecionados para serem pesquisados – desenvolvidas pelo “*método etnográfico/topográfico de superfícies amplas*” em “*decapagens por níveis naturais*” (LEROI-GOURHAN, 1972) como método de “*revelação*” do Empírico, pela completa evidenciação (para posterior interpretação) dos *contextos* arqueológicos (que dimensionam, pela espacialidade, a “*totalidade social*” das ocupações nos assentamentos, inseridas no tempo com a conseqüente realização de datações absolutas por Carbono 14 e Termoluminescência).

No Brasil, desde meados dos anos setenta, a grande inovação, considerada como *avanço de vanguarda*, vem da *interpretação dos registros rupestres x cultura material de ocupações pré-históricas* em abrigos do *Parque Nacional da Serra da Capivara*, região arqueológica de São Raimundo Nonato, no Sudeste do Estado do Piauí, em pesquisas de campo, coordenadas por Guidon e análise das cenas, figuras, símbolos, etc. desenvolvidos por Niéde Guidon, Anne-Marie Pessis e equipe (GUIDON, 1975; 1984; 1992), (PESSIS, 1987; 1994), (PESSIS e GUIDON, 1992), (PARENTI, 1992), (MARANCA, 1976; 1979), (ALVES DE OLIVEIRA, 2000).

Na Serra da Capivara os *Registros Rupestres* são interpretados como “*Textos Visuais*” pertencentes a *distintos grupos étnicos*, pré-históricos, que ocuparam, em diferentes períodos, os abrigos pesquisados, onde deixaram testemunhos visuais e vestígios materiais de sua vida social (PESSIS e GUIDON, 1992).

Uma nova abordagem (inspirada na semiótica) concebida por Pessis (1994) foi empregada no estudo dos registros rupestres dos abrigos da Serra da Capivara, a qual concebe “as pinturas rupestres como fontes de dados<sup>37</sup> da pesquisa em pré-histórica” onde “sua análise está estreitamente ligada ao conjunto da pesquisa arqueológica” (op. cit., p.283-284).

Nestes estudos são empregados novos critérios, no âmbito de uma nova abordagem, na análise dos quatro níveis que dimensionam a interpretação de registros rupestres: “cronologias, significados, descrições e interpretações” (op. cit., p.284).

---

37. Na abordagem tradicional o estudo dos registros rupestres (Pinturas/Gravuras) é concebido como um “objeto de estudo em si”, com destaque de “categorias estéticas” e os registros são analisados com arte parietal (PESSIS, 1994, p.283).

Na abordagem de Pessis “no plano da significação parte-se do princípio da impossibilidade de identificar os significados que as representações gráficas tinham para seus autores. O significado dos símbolos são concebidos como aproximações conjecturais e como tais de reduzido aporte nas pesquisas. É possível se achar significados universais, como próprios da espécie, mas o que não é possível é a assimilação destes significados universais a representações gráficas específicas. Esta limitação leva a privilegiar o estudo dos significantes que, em todas as sociedades conhecidas, tem uma persistência maior que qualquer significado por tratar-se de representações que envolvem posturas, gestos ou emblemas voluntariamente construídos” (PESSIS, 1994, p.286).

Quando “ao aspecto descritivo dos sítios com registros gráficos deve ser extremamente fiel à realidade de maneira que todo pesquisador tenha a possibilidade de trabalhar sobre o universo total dos vestígios gráficos, o que implica que o cadastro deve ser predominantemente visual, acompanhado de informações contextuais sobre o sítio arqueológico” (op. cit., p.286-287).

Nesta abordagem “a análise do significante rupestre é realizada com a finalidade de estabelecer perfis gráficos para cada sítio, que serão estabelecidos segundo os aspectos: tecnológico, temático e cenográfico. Estes perfis são estabelecidos em cronologias hipotéticas e constituem o instrumento da análise gráfica” (op. cit., p.287).

Nesta abordagem “no plano da interpretação, parte do significante na procura de identidades gráficas que poderão ser estabelecidas a partir de um conjunto de sítios nos que se dispõe de perfis gráficos” (op. cit., p. 287).

Esta nova abordagem direcionada aos registros rupestres possibilitou a interpretação de Mudança Cultural e Social na Serra da Capivara analisadas no âmbito das tradições “*Nordeste, Agreste e Geométrica*” (PESSIS e GUIDON, 1992), (GUIDON, 1992).

Além desta nova vertente teórico-metodológica na interpretação registros rupestres nos abrigos do Parque Nacional da Serra da Capivara, as escavações desenvolvidas na “Toca do Boqueirão da Pedra Furada, com suas datações que recuam as ocupações de 49 mil anos antes do Presente, redimensionaram a teoria clássica de penetração (e antiguidade) da presença humana na América” (FUMDHAMENTOS, 1996).

Concomitante à vanguarda do método de análise dos registros rupestres, aos dados arqueológicos da antiguidade do homem na Serra

da Capivara, o Projeto de Guidon desenvolve programas sociais junto às populações rurais que habitam o Parque onde se situa a Serra em questão.

A “*Fundação do Homem Americano*” – mantenedora das pesquisas e dos projetos sociais, criou (e mantém) escolas rurais, oficiais de cerâmica e tecelagem, além de apiários. Assim, peças de cerâmica, tecidos e mel são vendidos aos turistas que visitam o Parque e o “*Museu do Homem Americano*”, representando atividades geradoras de educação formal e de renda aos sertanejos excluídos.

Nos abrigos com pinturas rupestres da *Serra do Seridó* situada nos Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, Gabriela Martin aplica metodologia semelhante à de Pessis na interpretação de registros rupestres, associada a escavações de abrigos que tem comprovado a ocorrência de ocupações pré-históricas antigas no Seridó (MARTIN, 1996a; 1966b), cujos dados já analisados possibilitaram a elaboração de Tese de Doutorado (SANTOS, 1997), além da elaboração de Mestrados.

Outra inovação procede da *arqueologia de contrato* (realizadas em todas as regiões do Brasil), que na execução de obras de grande impacto como a construção de hidroelétricas, têm financiado o desenvolvimento de grandes projetos de salvamento, nos áreas a serem impactadas; estas pesquisas coletam conjuntos (ALVES, 1988), (como sinônimo de coleções) de cultura material diversificada que em geral, são objeto de elaboração de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado.

Além da manutenção das pesquisas de salvamento por grandes empresas públicas e privadas, em função de grandes obras de impacto ambiental, a arqueologia de contrato tem financiado a montagem de grandes *Museus de Arqueologia Regional* que preservam e divulgam a memória pré-histórica das primeiras (e mais antigas) populações do País resgatando a *identidade paleoindígena* na consciência cultural do brasileiro.

Neste sentido, o exemplo mais requintado de Montagem de Museu Regional de Arqueologia é o MAX – *Museu de Arqueologia de Xingó* (resultante de contrato assinado entre a PETROBRÁS, a CHESF e a Universidade Federal de Sergipe). Outro avanço inovador é representado pela introdução do método da *Semiótica* (PEIRCE, 1977) na interpretação de *registros Rupestres*; neste método as relações entre “*Significante*” e “*Significado*” permeiam os estudos dos *Signos* o que possibilita nova abordagem interpretativa dos registros rupestres.

No Brasil, o método da Semiótica foi introduzido por Pessis (1987) e por Carlos Xavier de Azevedo Netto, no trabalho “o signo e o significado”, com financiamento da Universidade Estácio de Sá (AZEVEDO NETTO, 1995/96).

Outra inovação relaciona-se à utilização de métodos e técnicas laboratoriais analíticos das Ciências Exatas – como *Microscopia de Luz Transmitida*, *Difratometria de Raios X* e *Microscopia Eletrônica de Varredura*, etc. para analisar a *Tecnologia Cerâmica* pré-histórica e etnográfica, iniciada nos anos oitenta e prosseguida na década de noventa, na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal de Pernambuco (GOULART, 1982); (ALVES, 1982; 1988; 1994; 1994/95; 1997); (ALVES e GIRARDI, 1989); (ALVES et al., 1994); (ALVES et al., 1997); (ALVES DE OLIVEIRA, 2000); (FERNANDES, 2001).

As questões que levaram alguns arqueólogos brasileiros a empregarem os métodos de Ciências Exatas acima mencionados são os seguintes:

- “A composição da *pasta*<sup>38</sup> é indicador de *Tradições*”, “*Subtradições*” e “*Fases*” ceramistas ou expressa um maior (ou menor) domínio do ceramista em relação à matéria-prima?!”;
- A *pasta* cerâmica representa um *meio* para se chegar às *fontes de matéria-prima argilosa*?;
- É possível inferir os *índices de temperatura* de queima e o nível de *resistência* dos vasilhames cerâmicos mesmo sabendo-se que a queima realizada pelos ceramistas era sempre em baixa<sup>39</sup> temperatura?;
- É possível detectar os *minerais corantes* empregados pelos ceramistas nas superfícies pintadas e engobadas) (ALVES, 1994, p.40-41).

Os métodos e técnicas das ciências exatas empregadas para analisar estas questões foram:

---

38. Configurada de “tempero” ou “antiplástico” pelo PRONAPA (CHMYZ, 1976).

39. Queima processada abaixo de 1.000 C°.

- Microscopia de luz transmitida – confecção de *lâminas microscópicas*<sup>40</sup> no estudo da **PASTA** cerâmica;
- Difratometria de raios x – execução de *difratogramas de raios x* para se *inferir* os índices de temperatura de queima, *detectar* a resistência mecânica dos vasilhames cerâmicos, tendo como eixo o trabalho de Leite (1986);
- Microscopia eletrônica de varredura e microanálise – execução de *micrografias* para se detectar os minerais corantes aplicados nas superfícies de vasilhames cerâmicos com pintura policrônica (nas cores branca, vermelha e preta) e com engobo (branco e/ou vermelho) (ALVES, 1994, p.40).

Os resultados obtidos por estas análises além de precisar as questões explicativas (ALVES, 1988; 1997), (ALVES DE OLIVEIRA, 2000), (FERNANDES, 2001), associados aos estudos tipológicos de conjuntos cerâmicos, coletados por escavações sistemáticas, estão levando à *reconstituição* de processo de produção da cerâmica: das fontes de matéria-prima ao emprego social do artefato cerâmico (ALVES, 1997) além de configurarem uma “*identidade tecnológica*” ao(s) grupo(s) que o(s) produziu(ram) (ALVES DE OLIVEIRA, 2000).

Outra inovação refere-se à criação de *programas de computador* para a reconstrução de formas cerâmicas, os quais representam um avanço de vanguarda pois permite amplos recursos tecnológicos para reconstituir objetos cerâmicos fragmentados a partir de bases, bordas, bojos, etc.

Esta inovação procede da Universidade Federal de Pernambuco em um programa coordenado por Cláudia Alves de Oliveira (ALVES et al., 1993).

Para finalizar, merece destaque registrar a *inovação teórica* representada pela *Arqueologia Social Latino-Americana* (com tímidas repercussões no Brasil), a qual concebe a arqueologia como ciência social que

---

40. Sinônimo de “Secções delgadas”.

está revendo a “*dependência*” teórico-metodológica da arqueologia praticada na América Latina da Arqueologia Norte-Americana – a *Processualista* (Neo-Evolucionista, Ecológica e Funcionalista) implantada na América após o término da Segunda Guerra Mundial, pelo *Smithsonian Institution*, dos Estados Unidos.

A Arqueologia Social da América Latina está *enterrando* o *Difusionismo* e a própria *Arqueologia Processuada norte-americana* com o emprego de um *novo* olhar para a Arqueologia pré-colonial da América e para a etnologia de sociedades indígenas atuais .

Arqueologia concebida como “fenômeno Social” é estudada desde às origens da Humanidade até o Presente; onde o desenvolvimento social é estudado a partir de três conceitos centrais:

√ *modo de vida* - (inspirado na “Ideologia Alemã” de Karl Marx) (1984);

√ *modo de produção* – (centrado no “O Capital” de Marx) (1972);

√ *cultura* – de Tylor, “Primitive Cultural (1871), a Kroeber “O Super orgânico” (1949), a Lévi-Strauss “O pensamento Selvagem (1962-1976), a Geertz “Interpretação das culturas” (1978) – como expressões de fenômenos regionais.

Esta proposta tem a liderança do *México* que continua a ser a *vanguarda* da pesquisa em termos de uma verdadeira *arqueologia antropológica* latino-americana que tem como conceito estrutural o fazer social através dos tempos (desde aos primórdios da humanidade) e que concebe como história *mais* antiga do continente americano, a história das Sociedades Indígenas americanas *anteriores* à Conquista Espanhola, às colonizações espanhola e portuguesa e à criação das Treze Colônias Inglesas (que deram origem aos Estados Unidos da América).

Esta posição rompeu com a concepção etnocêntrica e positivista de História e de Pré-História. Assim, a História *mais* antiga da *América Latina* está sendo *escrita* pela *Arqueologia concebida como Ciência Social*.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, C.O., BORGES, L.E.P., BARRETOS, S.B., LEOVILLARROEL, H.S. Técnica cerâmica pré-história. **Clio. Série Arqueológica**, v.1, n.10, 1994.

ALVES, C.O., BORGES, L.E.P.; VANDERLEI, K., LEOVILLARROEL, H.S. Análise experimental da cerâmica popular de Conceição das Creoulas-Salguerio, PE. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, Supl. 2, 1997. (Atas do Simpósio Internacional de Análises Físicas e Químicas no Estudo de Material Arqueológico).

ALVES, C., DIAS FILHO, A.V. de A., ALBUQUERQUE, M.A.G. de. Classificação e reconstituição de formas de objetos cerâmicos através de recursos computacionais. In: VII REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 1993). **Resumos**. [S.n.t.]. ALVES, M.A. **Estudo do sítio Prado**: um sítio lito-cerâmico colinar. São Paulo : Depto.de História/FFLCH-USP, 1982. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Análise cerâmica**: estudo tecnológico. Departamento de Antropologia/FFLCH-USP, 1988. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. Estudo técnico em cerâmica pré-histórica do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.4, 1994.

\_\_\_\_\_. O emprego de microscopia petrográfica, difratometria de raios X e microscopia eletrônica no estudo da cerâmica pré-colonial do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v.8, n.2, 1994/95. (Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).

\_\_\_\_\_. Estudo de cerâmica pré-histórica no Brasil: des fontes de matéria-prima ao emprego de microscopia petrográfica, difratometria de raios X e microscopia eletrônica. **Clio. Série Arqueológica**, Recife, v.1, n.12, 1997. ALVES, M.A., GIRARDI, V.A. A confecção de lâminas microscópicas e o estudo da pasta cerâmica. **Revista de Pré-História**, São Paulo, v.7, 1989.

ALVES DE OLIVEIRA, C. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-história no sudeste do Piauí – Brasil**. São Paulo : MAE/FFLCH-USP, 2000. (Tese de Doutorado).

ANDREATTA, M. **Padrões de povoamento em pré-histórica, Goiânia: análise de sítio-tipo**. São Paulo : Departamento de Ciências Sociais/FFLCH-USP, 1982. (Tese de Doutorado).

AUDOUZE, F., LEROI-GOURHAN, A. France: a continental insularity. **World Archaeology**, v.13, n.12, 1981.

AZEVEDO NETTO, C.X. A questão da teoria semiótica na interpretação da arte rupestre. **Coleção Arqueologia**, Porto Alegre, v.1, 1995/96. (Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).

BATE, L.F. **Arqueologia y materialismo histórico**. México : Ediciones Cultura Popular, 1977.

\_\_\_\_\_. Notas sobre el materialismo histórico el proceso de investigación arqueológico. **Buletin de Antropologia Americana**, v.19, 1989.

BELTRÃO, M.C.M.C. Sambaqui de Sernambetiba. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.24, n.6, 1972. (XXIV Reunião Anual da SBPC).

\_\_\_\_\_. Datação pré-histórica mais antigas no Brasil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v.46, n.2, 1974.

\_\_\_\_\_. **Pré-História do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1978.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói, R.J. : Arquivo Público do Estado, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de arqueogeologia – uma abordagem transdisciplinar**. Rio de Janeiro : ZIT Gráfica e Editora, 2000.

BELTRÃO, M.C.M.C., KNEIP, L.M. Acampamentos e aldeamentos Tupi nos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro. **Ciência e Cultura**, Rio de Janeiro, v.20, 1968.

BELTRÃO, M.C.M.C., LOCKS, M. Pinturas rupestres en la región arqueológica Central, Estado da Bahia, Brasil. **Boletín de la Sociedad de Investigación del Arte Rupestre de Bolívia**, La Paz, n.7, oct. 1993.

BERTALANFFY, L. Von. **General system theory**. New York : Braziller, 1969.

BINFORD, L.R. Archaeology as anthropology. **American Antiquity**, v.28, 1962.

\_\_\_\_\_. Archaeological systematics and the study of cultural process. **American Antiquity**, v.21, 1965.

BROCHADO, J.P. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre : Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.

\_\_\_\_\_. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South American**. [Illinois] : University of Illinois, 1984. (Tese de Doutorado em Antropologia).

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Mauss**. São Paulo : Ática, 1979. (Coleção Cientistas Sociais).

CARVALHO, E.T. **Escavações arqueológicas no sítio Corondó – RJ – JC-64 – Missão 1978**. São Paulo : Depto. de Ciências Sociais, FFLCH-USP, 1983. (Dissertação de Mestrado).

CASTRO FARIA, Luiz de. Domínios e fronteiras do saber: a identidade da arqueologia. **Dédalo. Publicação Avulsa**, São Paulo, n.1, p.26-39, 1989.

CHEUICHE-MACHADO, L. **Análise de remanescentes ósseos humanos do sítio Corondó, R.J.** Rio de Janeiro : Instituto de Arqueologia Brasileira, 1984. (Série Monografias, n.1). (Tese de Doutorado).

CHILDE, G. **Archaeology as a social science**: inaugural lecture. [London] : University of London, 1947. p.49-60. (Institute of Archaeology Thirrd. Annual Report).

\_\_\_\_\_. **Man makes himself**. London : [S.n.] 1936. Tradução: Los origenes de la civilization. México : [S.n.], 1954.

CHMYZ, I. (Org.). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. In: MANUAIS de Arqueologia, I. 2.ed. Paranaguá : UFPR, 1976.

DIAS JÚNIOR, O.F. Evolução da cultura em Minas Gerais e Rio de Janeiro. **Anuário de Divulgação Científica**, Goiânia, n.3/4, 1976/77.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento cultural no horizonte 9000/4000 anos A.P. no Brasil tropical. **Journal of American Archaeology**, Buenos Aires, n.4, jul./dec. 1991.

\_\_\_\_\_. A questão das origens da continuidade e da mudança na pré-história. **Clio. Série Arqueológica**, Recife, v.1, n.8, 1992.

\_\_\_\_\_. As origens da horticultura no Brasil. **Revista de Arqueología Americana**, México, n.7, enero/junio 1993a (Instituto Panamericano de Geografía e Historia).

\_\_\_\_\_. Arqueologia de contato no Rio de Janeiro. **Revista de Arqueologia Brasileira**, v.7, 1993b.

EMPERAIRE, J., LAMING-EMPERAIRE, A. **A jazida José Vieira**: um sítio pré-cerâmico do interior do Paraná. Curitiba : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade do Paraná, 1959.

ETCHEVARNE, C. Sítios dunares do sub-médio São Francisco, Bahia, Brasil. **Journal de la Société des Americanistes**, v.68, n.1, 1992.

\_\_\_\_\_. Acerca das primeiras manifestações ceramistas da Bahia. In: **CERÂMICA** popular. Salvador : Instituto Maria, 1993.

\_\_\_\_\_. **Étude de l'appropriation de ressources du milieu: les populations pré-coloniales sanfranciscaine dans l'Etat de Bahia (Brésil).** França : [S.n.], 1995. (Tese de Doutorado).

FERNANDES, S.C.G. **Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do Vale do rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucai.** São Paulo : MAE/FFLCH-USP, 2001. (Dissertação de Mestrado).

FLANNERY, K.V. Culture historyXcultural process: a debate in American archaeology. **Scientific American**, 1967.

FONSECA ZAMORA. A arqueologia como história. **Dédalo**, São Paulo, v.28, 1990.

FORD, J. **A quantitative method for deriving cultural chronology.** Washington : Pan American Union, 1962.

FORD, J. A. Método quantitativo para estabelecer cronologias culturais. In: MANUALES técnicos, III. D.C. : Union Panamericana : OEA, 1962. FUMDHAMENTOS: Revista da Fundação do Homem Americano, São Raimundo Nonato, v.1, n.1, 1996.

GARCIA, C. del R. **Estudo comparativo das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista.** São Paulo : Departamento de Zoologia : Instituto de Biociências-USP, 1972. (Tese de Doutorado).

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

GOULART, M. **Novas perspectivas de análise cerâmica em Pré-história brasileira.** São Paulo : Depto. de Ciências Sociais/FFLCH-USP, 1982. (Tese de Doutorado).

GUIDON, N. **L'Art rupestre du Piauí dans le contexte sud-américain. Une première proposition concernant méthodes et terminologie.** Panthéon-Sorbonne : Universidade de Paris I, 1984. (Doctorat d'Etat).

\_\_\_\_\_. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M. Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo : Campanha das Letras/FAPESP/SMC, 1992.

\_\_\_\_\_. **Les peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí**. Panthéon-Sorbonne : Universidade de Paris, 1975. (Troisième Cicle).

HODDER, I. **La perspective espacial en arqueologia**. Buenos Aires : Centro Editor de América Latina, 1995.

\_\_\_\_\_. **Reading the past**. [Cambridge] : Cambridge University, 1986. Tradução: Interpretación en arqueologia. Barcelona, 1988.

HORKHEIMER, M., ADORNO, T. **Dialéctica de la ilustración**. London: Allen Lane, 1973.

KAPLAN, D., MANNERS, R.A. **Teoria da cultura**. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

KNEIP, L.M. **Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, R.J.** São Paulo : Museu Paulista, 1977. (Coleção Museu Paulista, n.5) (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_ (Coord.). **Coletores e pescadores pré-históricos de Guaratiba – Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Niterói : Editoras UFRJ: EDUFF, 1987.

\_\_\_\_\_ (Coord.). **Cultura material e subsistência das populações pré-históricas de Saquarema, R.J.** Rio de Janeiro : Departamento de Antropologia : Museu Nacional-UFRJ, 1994. (Documento de Trabalho, n.2).

\_\_\_\_\_ (Coord.). **O Sambaqui do Saco e de Madressilva-Saquarema, R.J.** Rio de Janeiro : Departamento de Antropologia : Museu Nacional-UFRJ, 1997. (Documento de Trabalho, n.4).

\_\_\_\_\_ (Coord.). **O Sambaqui de Manitiba I e outros Sambaquis de Saquarema, R.J.** Rio de Janeiro : Departamento de Antropologia : Museu Nacional-UFRJ, 2001. (Documento de Trabalho, n.5).

KNEIP, L.M., PALLESTRINI, L., SOUZA CUNHA, F.L. de. **Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói, R.J.** Rio de Janeiro : Itaipu – Cia de Desenvolvimento Territorial, 1981.

KROEBER, A. O superorgânico. In: PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de organização social.** São Paulo : Livraria Martins Editora, 1949.

LAMING-EMPERAIRE, A. Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. **Cahiers d'Archaeologie de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales,** Paris, 1975.

\_\_\_\_\_. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. In: MANUAIS de arqueologia, II. Curitiba : UFPR, 1967.

LATHRAP, D. The “hunting” the tropical forest zone of South America: an attempt at historical perspective. In: LEE, R.B., DEVORE, I. (Eds.). **Man: the hunter.** Chicago : Aldine, 1968.

\_\_\_\_\_. **The upper Amazon.** New York : Praeger, 1970.

\_\_\_\_\_. The tropical Forest and the cultural context of chavin. In: BENSON, E. (Ed.). **Dumbarton Oaks Conference on Chavin.** Washington, DC : Trustees of Harvard University, 1971.

LEITE, C.A.P. **Transformações térmicas de argilominerais haloisíticos na faixa de temperatura de 400 °C a 1300 °C:** estudo por microscopia e difração eletrônicas. São Paulo : Instituto de Física-USP, 1986. (Dissertação de Mestrado).

LEONE, M. Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in the William Paca Garden in Annapolis Maryland. In: MILLER, TILLEY, (Eds.). **Ideology, power and prehistory.** [Cambridge] : Cambridge University, 1984.

LEROI-GOURHAN, A **Les fouilles préhistoques:** techniques et méthodes. Paris : Picard, 1950.

\_\_\_\_\_. **Préhistoire de l'art occidental.** Paris : Mazenod, 1965.

\_\_\_\_\_. Vocabulaire. Fouilles de Pincevent – Essai ethnographique d'un habitat magdalénien. **Gallia Préhistoire. Supplément**, Paris, v.7, 1972

\_\_\_\_\_. **Les religions de la préhistoire**. Vendôme, France : Universitaires de France, 1976.

\_\_\_\_\_. **O gesto e palavra**. Lisboa : Edições 70, 1983. v.1: Técnico e linguagem – v.2: Memória e Ritmos.

\_\_\_\_\_. **Evolução e técnicas**. Lisboa : Edições 70, 1984. v.1: O homem e a matéria – v.2: O meio e as técnicas.

LEROI-GOURHAN, A., BRÉZILLON, M. Fouilles de Pincevent, la section 36, **Gallia Préhistoire. Supplément**, Paris, v.7, 1972.

LÉVI-STRAUSS, C. **Anthropologie structurale**. Paris : Librairie Plon, 1957.

\_\_\_\_\_. **Mythologiques: le pensée sauvage**. Paris : Librairie Plon, 1962.

\_\_\_\_\_. **Le totémisme aujourd'hui**. Paris : Presses Universitaires de France, 1962.

\_\_\_\_\_. **Le cru et de cuit**. Paris : Librairie Plon, 1964.

\_\_\_\_\_. **Mythologiques: du miel aux cendres**. Paris : Librairie Plon, 1966.

\_\_\_\_\_. **O pensamento selvagem**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1976.

LUMBRERAS, L.G. **La arqueologia como ciencia social**. Lima, Peru: Ediciones Persa, 1981.

MALERBA SENE, G.A.A. **Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do nordeste de Minas Gerais**. São Paulo : FFLCH-USP, 1998. (Tese de Doutorado).

MARANCA, S. **Pinturas, rupestres da Toca da entrada do Pajaú, Estado do Piauí: análise das figuras zoomorfas**. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais FFLCH-USP, 1979. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. **Estudo do sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí.** Fundo de Cultura do Museu Paulista, 1976. (Dissertação de Mestrado – Coleção Arqueologia, v.3).

MARCUSE, H. **One-dimensional Man-studies in the ideology of advanced industrial society.** Boston : Beacon Press, 1966.

MARTIN, G. Os sítios rupestres do Seridó no Rio Grande do Norte (Brasil), no contexto do pensamento da América do Sul. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O POVOAMENTO DAS AMÉRICAS (1993 : São Raimundo Nonato, PI, Brasil). **Anais.** [S.l. : s.n.], 1996a.

\_\_\_\_\_. **Pré-história do nordeste do Brasil.** Recife : UFPE, 1996b. (50 anos).

MARX, K. **El Capital – crítica de la economía política.** México : Fundo de Cultura Econômica, 1972.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã (I-Feuerbach).** São Paulo : Hucitec, 1984.

MAUSS, M. **Essai sur le don.** Paris : Presses Universitaires de France, 1950.

MEGGERS, B. Environmental limitation on the development of culture. **American Anthropologist**, v.56, 1954.

\_\_\_\_\_. **Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise.** Chicago : Aldine, 1971.

\_\_\_\_\_. Vegetational fluctuation and prehistoric cultural on adaptations in Amazonia: some tentative correlations. **World Archaeology**, v.8, n.3, 1977.

MENEZES, R. **Sociedade e tecnologia lítica: aspectos e ocupações pré-históricas no Município de Varzelândia, Minas Gerais.** Rio de Janeiro : Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-UFRJ, 1997. (Tese de Doutorado).

MORAIS, J.L. **A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro**: análise do tratamento da matéria-prima. São Paulo : Fundo de Cultura do Museu Paulista, 1983. (Tese de Doutorado - Coleção Arqueologia, v.7).

\_\_\_\_\_. **Perspectivas geo-ambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista**. São Paulo : MAE/FFLCH-USP, 1999. (Tese de Livre Docência).

NOELLI, F.S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n.44, dez./fev. 1999/2000. (Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II).

PALLESTRINI, L. **Fouilles dans trois sites brésiliens du haut Paranapanema**: méthode et resultats. Panthéon-Sorbonne : Université de Paris I, 1970. (Troisième Cicle).

\_\_\_\_\_. **Interpretação de estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo**. São Paulo : Museu Paulista/USP, 1975. (Tese de Livre Docência – Série Arqueologia, n.1).

PANGAIO, L.

PARENTI, F. **Le gisement quaternaire de la Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Brésil) dans le contexte de la préhistoire américaine. Fouilles, stratigraphie, chronologie, évolution culturelle**. Paris : École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992. 4v. (Thèse Doctorat).

PEIRCE, C.S. **Semiótica**: coleção Estudos. São Paulo : Perspectiva, 1977.

PESSIS, A.M. **Art rupestre préhistorique: premiers registres de la mise en scene**. Nanterre : Université de Paris X, 1987. (These de Doctorat d'Etat).

\_\_\_\_\_. Registros Rupestres: perfil gráfico e grupo social. **Revista de Arqueologia**, v.8, n.1, 1994. (Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).

PESSIS, A.M., GUIDON, N. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, L. (Org.). **Grafismo indígena**. São Paulo : Studio Nobel/FAPESP/EDUSP, 1992.

POIRIER, Jean. **História da etnologia**. São Paulo : Cultrix : Edusp, 1981.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília : UNB, 1991.

RELATÓRIOS do PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações Avulsas. Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n.6, 1967 (relatório 1); n.10, 1969 (relatório 2); n.12, 1969 (relatório preliminar – arqueologia brasileira em 1968); n.13, 1969 (relatório 3); n.15, 1971 (relatório 4); n.26, 1974 (relatório 5).

RENFREW, C., BAHN, P. **Arqueología: teorías, métodos y práctica**. Madrid : Akal, 1993.

ROOSEVELT, A. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, W. (org.). **Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia**. Belém : Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.

\_\_\_\_\_. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, M. Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo : FAPESP/SMC/Companhia das Letras, 1992.

SANDERS e MARINO. **Pré-história do novo mundo**. Rio de Janeiro : Zahar, 1971.

SANOJA OBEDIENTE, M. La inferencia en la arqueología social. **Boletín de Antropología Americana**, México, 1984.

SANTOS, A. da Silva. **Paleopatologia do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, R.N. Avaliação epistemológica, radiológica e histórica**. Recife : Depto. de História-UFPE, 1997. (Tese de Doutorado).

SEDA, P.R.G. **A caça e a arte: os caçadores pintores pré-históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais**. Rio de Janeiro : Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-UFRJ, 1998. (Tese de Doutorado).

SHANKS, M., TILLEY, C. **Re-constructing archaeology: theory and practice**. [Cambridge] : Cambridge University, 1987.

STEWART, J.H. Culture áreas of the tropical florest. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **HANDBOOK of South American Indians**. New York : Cooper Square, 1948.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **Handbook of South American Indians**. New York : Cooper Square, 1948.

TRIGGER, B. **Time and tradition**. [S.l.] : Edinburgh University, 1978.  
\_\_\_\_\_. **Historia del pensamiento arqueológico**. Barcelona : Critica/Arqueologia, 1992.

TYLOR, E. **Primitive culture**. London : John Murray Co. [1958 New York, Harper Torchbooks].

UCHÔA, D.P. **Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análises de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista**. São Paulo : Faculdade de Ciências e Letras de Rio Claro. Setor de Antropologia, Arqueologia e Etnologia, 1973. (Tese de Doutorado).

VARGAS ARENAS, I. Definición de conceptos para uma arqueología social. In: ACTAS DEL SIMPÓSIO DE LA FORMACIÓN DE ARQUEOLOGIA DEL CARIBE, 1., 1984. [S.n.t.].

\_\_\_\_\_. Arqueología ciencia y sociedad. **Boletim de Antropologia Americana**, México, v.15, 1986.

VIALOU, D. Un nouveau site rupestre du Mato Grosso: l'abri Ferraz Egreja. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v.29, 1983-84.

VILHENA-VIALOU, A. **A tecnotipologia das indústrias líticas do sítio Almeida no seu quadro natural, arqueoetnológico e regi-**

**onal.** São Paulo : Museu Paulista : Instituto de Pré-História-USP, 1980. (Tese de Doutorado).

WHEELER, Martin. **Archaeology from the earth.** London : Oxford University, 1954.

WÜST, I. **Continuidade e mudança:** para uma interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. (Tese de Doutorado).

## BIBLIOGRAFIA

BALFET, H. **La céramique comme document archéologique.** Paris: Société Préhistorique Française, 1967.

BOAS, F. **Cuestiones fundamentales de Antropología cultural.** Buenos Aires, Argentina : Solar : Hachette, 1968.

CARANDINI, A. **Arqueologia y cultura material.** Barcelona : Editorial Mitre, 1984.

COURBIN, P. **Qu'est-ce que l'archéologie?.** Paris : Payot, 1982.

DELPORTE, H. **Archéologie et réalité:** essai d'approche épistémologique. Paris : Picard, 1984.

FERNÁNDEZ MARTINEZ, V.M. **Teoria y método de la arqueologia.** Madrid : Editorial Sintesis, 1993.

FRANCH, J.A. **Arqueologia antropológica.** Madrid : Ediciones Akal, 1989.

FUNARI, P.P.A. História da arqueologia no Brasil: visão geral e reavaliação. **Revista de História da Arte e Arqueologia,** Campinas, n.1, 1994.

\_\_\_\_\_. Brazilian archaeology – a reappraisal. In: POLITIS, G.G., ALBERTIN, B. (Eds.). **Archaeology in Latin American.** London: Routledge, 1999.

GALLAY, A. **L'Archéologie demain**. Paris : Belfond/Sciences, 1986.

GÂNDARA, M. La vieja "nueva" arqueología: teorías, métodos y técnicas en arqueología. **Boletín de Antropología Americana**, México, 1982. (reimpresiones).

GODELIER, M. **Horizontes da antropologia**. Lisboa : Edições 70 : Livraria Martins Fontes, 1977.

LE GOFF, J. (Ed.). **A história nova**. São Paulo : Martins Fontes, 1988.

KERN, A.A. **Abordagens teóricas em arqueologia**. Porto Alegre : 1991. [digitado].

LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LEROI-GOURHAN, A. **Le fil du temps-ethnologie et préhistoire**. Paris : Fayart, 1983.

MEGGERS, B. **Amazônia**: a ilusão de um paraíso. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **América pré-histórica**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

MIRAMBELL, L., LORENZO, J.L. **La cerámica**: un documento arqueológico. México : Departamento de Prehistoria, Instituto Nacional de Antropología e História, 1983.

ORTON, C., TYERS, P., VINCE, A. **Pottery in archaeology**. Cambridge : Cambridge University, 1993.

RICE, P. **Pottery analysis**. Chicago : The University of Chicago, 1987.

SAHLINS, M.D. **Sociedades tribais**. Rio de Janeiro : Zahar, 1974.

SERONIE-VIVIEN, M.R. **Introduction à l'études poteries préhistoriques**. Paris : Le Bouscat, [s.d.].

SHEPARD, A. **Ceramics for the archaeologist**. Washington: Carnegie Institution , 1963.

SHENNAN, S. **Arqueología cuantitativa**. Barcelona : Crítica/Arqueología, 1992.

TRIGGER, B. **Além da história**: os métodos da pré-história. São Paulo : Edusp, 1973. (Coleção Antropologia e Sociologia).

\_\_\_\_\_. **Arqueologias alternativas**: nacionalistas, colonialista, imperialista. San Juan, Argentina : Instituto de Investigaciones Arqueológicas y Museo – Universidad Nacional de San Juan, 1987.

VIERTLER, R.B. **Ecologia cultural**: uma antropologia da mudança. São Paulo : Ática, 1988. (Série Princípios).

## PERIÓDICOS

- *Revista do Museu Paulista. Nova Série* – USP, São Paulo;
- *Revista do Instituto de Pré-História* – USP, São Paulo;
- *Dédalo* – MAE (Antigo) – USP, São Paulo;
- *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* – USP, São Paulo;
- *Revista de História da Arte e Arqueologia* – UNICAMP, Campinas, São Paulo;
- *Revista USP*, São Paulo;
- *Arquivos do Museu de História Natural* – UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais;
- *Clio. Série Arqueológica* – UFPE, Recife, Pernambuco;
- *Pesquisas – Instituto Anchieta de Pesquisas*, São Leopoldo, Rio Grande do Sul;
- *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional* – IPHAN, Rio de Janeiro;
- *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro;
- *Revista da SAB* – Sociedade de Arqueologia Brasileira.